

habilidade para lutar em ocasiões específicas (...) constitua um dos principais atributos de ser um 'homem' (p.21).

O leitor poderá, ainda, encontrar outros artigos que abordam o fenómeno do hooliganismo na França, Grécia, Alemanha, Irlanda, República Checa, Hungria, Perú, Japão, África do Sul, Austrália, Estados Unidos e Canadá. O que ressalta da leitura do conjunto da obra é que as explicações dos sociólogos de Leicester têm uma validade geograficamente limitada à Grã-Bretanha. Na realidade, a violência entre adeptos é um fenómeno que assume contornos particulares ligados às especificidades sócio-culturais de cada país. Esta conclusão é, sem dúvida, o principal mérito de *Fighting Fans*. Assim, embora a colectânea abranja artigos com um interesse muito desigual, constitui uma referência obrigatória para todos aqueles que se interessem pelo estudo do fenómeno da violência no futebol.

Pedro Almeida

Mestrado em Família e Sistemas Sociais, Instituto Superior Miguel Torga

Muniz Sodré. 2002. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.

Da leitura do texto do Professor Muniz Sodré sobressai, imediatamente, uma enorme qualidade que não tem sido nada vulgar encontrar nos ensaios que versam temas da comunicação: a originalidade de um pensamento próprio sobre esta temática. Tal originalidade é manifestada na questão que o texto coloca: a interrogação sobre se, na comunicação, podemos identificar um objecto próprio, o que problematiza, desde logo, a ideia vulgar de que o objecto da comunicação são os meios de comunicação.

A identificação do objecto é, como se sabe, um aspecto essencial a qualquer campo do conhecimento que se pretenda científico e é tanto mais pertinente quanto é certo que estamos habituados a olhar a comunicação como uma realidade transversal às ciências sociais e humanas (como afirma o jogo de palavras conhecido: a comunicação é mais uma indisciplina do que uma disciplina) e, por isso, tem sido avaliada como um campo menor do

conhecimento, sem um objecto teórico definido e, do ponto de vista metodológico, comparado a alguém que vive de diversos recursos, pedindo de empréstimo métodos à sociologia, semiologia, antropologia, psicologia, teoria da informação, etc.

Ora, a hipótese defendida no texto de Muniz Sodré é que esse objecto seja a vinculação humana, isto é, um tipo de relação individual e colectiva relacionada com a experiência histórica e com a consciência dessa experiência. Por isso, um laço que liga os indivíduos e que é da ordem do emocional, do afectivo, o que actualmente tem sido muito perturbado pelos efeitos exercidos pelos meios de comunicação na vida social. Precisando melhor, como se deixava adivinhar atrás, o objecto da comunicação humana não são os meios de comunicação, mas deve ser encontrado nas respostas às interrogações. Por que estamos socialmente juntos? Qual o laço que faz com que, fazendo parte de uma comunidade, nos possamos odiar e matar, mas, apesar disso, continuemos sempre a manter-nos juntos? Para além da sociedade e das regras que foram institucionalizadas, para além das relações que os media quotidianamente actualizam, existe esse vínculo profundo que, como diz Muniz Sodré, 'atravessa o corpo, o afecto, passa pelos sentimentos'; o vínculo é da ordem da comunidade, da partilha livremente aceite dos valores, sendo, por isso, a dimensão ética que aqui está em causa. Para Muniz Sodré, a vinculação é diferente da relação: enquanto que o vínculo é da ordem do libidinal, do afectivo, daquilo que é vital para a pessoa humana, portanto da ordem do comunitário, a relação pode ser completamente impessoal; são formas artificiais de ligação, instauradas pelo universo jurídico, económico ou, mais recentemente, pelo universo dos media e, nesta medida, da ordem do societário.

Precisamente, a questão que hoje interessa interrogar é saber em que medida as formas da relação afectam aquilo a que Muniz Sodré chama o *ethos* que, entendido de forma alargada, significa o espaço disposto para a realização e acção humanas. Na palavra *ethos* 'ressoa o sentido de habitar, com toda a extensão e conexões dessa ideia. Ela designa tanto morada quanto as condições, as normas, os actos práticos que o homem repetidamente executa e que, por isso, com eles se acostuma, ao se abrigar num espaço determinado' (p.45). No que diz respeito, concretamente, às formas de relação, o autor retoma a classificação aristotélica das formas

de vida, as quais partem, se assim se pode dizer, da correspondência entre formas de vida e lugares. Aristóteles 'distingue (...) três géneros de existência (bios) na Polis: Bios theoretikos (vida contemplativa), bios politikos (vida política) e bios apolaustikos (vida prazerosa, vida do corpo) (...) Partindo da classificação aristotélica, a mediatização pode ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou como um novo bios, uma espécie de quarto âmbito existencial onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a tecnocultura). O que já se fazia presente por meio da mídia tradicional e do mercado, no ethos abrangente do consumo, consolida-se hoje com novas propriedades por meio da técnica digital' (p.25). Neste sentido, contudo, aos três bios aristotélicos, Muniz Sodré acrescenta um quarto: aquele que diz respeito à esfera da mediatização, a qual implica uma nova tecnologia perceptiva e mental, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade, ou seja, uma nova condição antropológica.

É esta nova condição antropológica que é identificada com a metáfora do espelho que dá o título ao livro. Esta nova condição do homem no mundo, pautada pela proliferação das imagens 'pode – diz o autor – favorecer aparentemente a aproximação com um número grande de pessoas, mas, ao mesmo tempo, provoca a distorção da realidade original (...) A distorção é, assim, efeito da diferença entre o mundo sensível e a reprodução especular, já que todo o espelho é pura atopia, espaço sem lugar' (pp.154-5). Por outro lado e relativamente às expressões 'linear' e 'rede' no título da obra e no contexto do pensamento do autor, convém explicitar que se relacionam, respectivamente, ao campo dos media tradicionais (imprensa, rádio, televisão) e ao campo dos novíssimos media 'que incide sobre um outro modo de sistematização social, sobre um outro eidos (substância primeira, essência) que é a realidade simulada, vicária ou ainda virtual' (p.234).

Segundo Muniz Sodré, os novos meios de comunicação têm uma influência não só normativa, mas principalmente sensorial e emocional, actuando 'como pano de fundo de uma estetização generalizada da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até mesmo juízos supostamente de natureza ética passam pelo crivo de uma invisível comunidade do gosto, na realidade o gosto médio,

estatisticamente determinado' (p.6). É assim que a esfera da mediatização é responsável por uma ordem que gera as normas estruturadoras do princípio da realidade, oferecendo segurança, mas, por isso mesmo, restringindo a liberdade individual. Do que se trata, afinal, é da criação, por parte desta esfera da mediatização, de uma verdadeira moral, no sentido hegeliano, que implica costumes e rotinas socialmente dados, onde tomam acento o hedonismo e a produção do actual, pautados pela tecnologia e pela lógica do mercado. Hoje, com o recente desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e a emergência do virtual, entendido pelo autor como um novo dispositivo de consciência, isto é, como um metaforizador tecnológico, o bios mediático 'assinala o momento em que o objecto (tanto o colossal empilhamento dos produtos de consumo quanto o desenvolvimento vertiginoso das máquinas electrónicas e das telecomunicações) alcança uma posição poderosa e inédita frente à ordem clássica do sujeito' (p.238). Neste contexto e face à poderosa eficácia das tecnologias do virtual, opera-se no novo bios uma inversão, a do primado do peso do objecto sobre o sujeito, o que tem como consequência a constituição de uma outra forma de vida onde 'o virtual, ou seja, uma realidade potencial, eideticamente inacabada) tem mais peso fenomenológico do que as representações clássicas do real histórico, elaboradas e desenvolvidas em função de uma ligação semanticamente objectiva com o real' (p.239).

Perante tal dispositivo tecnocultural, que possibilidades de intervenção? Face à poderosa máquina da realidade que o regime do virtual institui, qual a resposta possível? Essa resposta passa, do ponto de vista do autor, pela reactivação do vínculo humano, isto é, 'implica a interrogação crucial (ético-política) sobre o além do puro mercantilismo do mercado e sobre as possibilidades de reorientação crítica das tecnologias na direcção dos imperativos de responsabilidade humana para com as marcas da sua singularização. Isto implica, em termos práticos, pensar não midiaticamente (...) e pesquisar os caminhos políticos de abertura existencial para o homem contemporâneo, a quem se tenta dar a impressão de que tudo está dito pela técnica ou de que o futuro já chegou' (p.259).

José Carlos Vasconcelos e Sá
Instituto Superior Miguel Torga